

UNIÃO: O TRABALHO TRANSFORMADOR DO ESPÍRITO
 Uma Resposta a No Poder do Espírito – Espírito Santo”
 por Linda Stargel, NTC Austrália

A habitação do Espírito Santo nos crentes deste mundo é um sinal do novo mundo que está por vir.¹ Os documentos da conferência da Dra. Svetlana Khobnya e do Rev. L. Felipe Borduam desafiam os leitores a compreender e incorporar a obra completa e transformadora do Espírito Santo. Khobnya destaca o papel negligenciado do Espírito como fonte criativa da união humana.² Borduam questiona a compreensão da função do Espírito destacada pelo “pentecostalismo” e teologias sociais e retorna o foco para a “missão santificadora primária” do Espírito Santo.³

Este documento de resposta reflete principalmente sobre questões levantadas pelo artigo de Khobnya, ou seja, “O que é essa união?” “Como o Espírito cria união?” e “Qual (ou quem) é a extensão da união?” Ele envolve as respostas de Khobnya e as expande. Ao fazer isso, ele afirma implicitamente a necessária obra transformadora do Espírito Santo mencionada por Borduam, ao mesmo tempo em que a interpreta principalmente por meio da perspectiva de John Wesley sobre a santidade como amor.⁴

O que é união?

A alienação que separa o “nós” do “outro” é um problema significativo da humanidade, agravado recentemente pela pandemia. Khobnya concorda com o teólogo Graham McFarlane, de que não há espaço para a alienação humana no contexto do Evangelho.⁵ Um poder maior que o afastamento deve vencê-lo. McFarlane afirma que o dom da união foi conquistado por Cristo na cruz e trazido à existência - em relação a Deus e ao próximo - por meio do Espírito.⁶ Para Khobnya e McFarlane, a realidade da união humana existe aqui e agora.⁷ De maneira prática, esta união torna o reino de Deus visível atualmente como um sinal do novo mundo que há de vir.

Ambos os estudiosos usam a palavra “união” em vez de “unidade” ou “companheirismo”. Positivamente, isso a retira de um domínio puramente religioso e nos permite refletir sobre ela novamente. De maneira adversa, rotular um relacionamento existente apenas entre aqueles “em

¹ Svetlana Khobnya, “In the Power of the Spirit: Holy Spirit,” *Didache Faithful Teach., Global Theology Conference (2024) Papers* 22.1 (2022): 12.

² Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 10–11.

³ Luis Felipe Nunes Borduam, “In the Power of the Spirit: Holy Spirit,” *Didache Faithful Teach., Global Theology Conference (2024) Papers* 22.1 (2022): 9.

⁴ Distinctions between the “substance” of the sanctifying work of the Holy Spirit in Wesley’s thought and the “circumstances” of it in the American Holiness Movement can be found in H Ray Dunning, “Sanctification and Purity,” *Wesley. Theol. J.* 48.2 (2013): 44–59; and Paul M. Bassett et. al., “A White Paper on Article X,” *Didache Faithful Teach.* 10.1 (2010): 1–29.

⁵ Graham W P McFarlane, “Towards a Theology of Togetherness--Life through the Spirit: Spirit and Christ in the New Testament and Christian Theology: Essays in Honor of Max Turner,” in *The Spirit and Christ in the New Testament and Christian Theology: Essays in Honor of Max Turner* (Grand Rapids, Mich, 2012), 326.

⁶ McFarlane, “Theology of Togetherness,” 333.

⁷ Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 3; McFarlane, “Theology of Togetherness,” 324.

Cristo” como “união” desconsidera o problema mais amplo da alienação humana. Como Khobnya admite, “a alegação levanta questões sobre até que ponto o Espírito torna possível o dom da união de acordo com as Escrituras”.⁸ McFarlane adverte que essa união não é “um mandamento para criar mundos religiosos paralelos”,⁹ mas a aplica dentro da diversidade do Corpo de Cristo. A questão da extensão desse dom de união capacitado pelo Espírito será explorada depois de examinar como essa união é moldada.

Como o Espírito cria a união?

Khobnya explica que a experiência compartilhada da descida do Espírito no Pentecostes, em cumprimento da profecia, moldou a união na igreja primitiva. Essa memória coletiva e narrativa comum moldaram sua identidade.¹⁰ Outros estudos sobre a memória coletiva concordam que as narrativas compartilhadas fomentam a identidade do grupo.¹¹

Khobnya afirma que o Espírito também inicia um “processo transformacional” e cria “uma nova disposição espiritual” naqueles que estão em Cristo.¹² Isso resulta em compartilhar recursos, cuidar uns dos outros e acolher as pessoas. Mas isso não permite ver a espiritualidade em Cristo principalmente como uma experiência pessoal. A união em Cristo através do Espírito transcende as estreitas categorias coletivas de identidade, ao mesmo tempo em que celebra a diversidade. Aaron Kuecker - um estudioso que se concentra na formação da identidade em Lucas-Atos - atribui essa transformação à formação do Espírito de uma identidade aloccêntrica - centrada em outras pessoas. Com relação aos resumos comunitários de compartilhamento e união encontrados no livro de Atos, ele diz que eles “descrevem normas de grupo que, em sua prática econômica, companheirismo, devoção pessoal e preocupação com o grupo externo, são expressões coletivas da identidade aloccêntrica característica daqueles que foram influenciados pelo Espírito”.¹³ Em contraste, as identidades egocêntricas e não transformadas de Ananias e Safira eram uma ameaça à comunidade e à união (Atos 5:1-11).

A extensão da união

Khobnya afirma que o Espírito cria uma “sociedade inclusiva que abraça as diferenças, cruza fronteiras, capacita os impotentes e ajuda os desamparados”.¹⁴ Como tal, estar em Cristo supera outras categorias de gênero, etnia, idioma etc. Aqueles que estão “no Espírito”, com suas

⁸ Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 3.

⁹ McFarlane, “Theology of Togetherness,” 326–32.

¹⁰ Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 7.

¹¹ Jan Assmann and John Czaplicka, “Collective Memory and Cultural Identity,” *New German Critique* 65 (1995): 125-133. Coleman A. Baker, *Identity, Memory, and Narrative in Early Christianity: Peter, Paul, and Recategorization in the Book of Acts* (Eugene, OR: Pickwick, 2011). Alan Kirk and Tom Thatcher, eds. *Memory, Tradition, and Text: Uses of the Past in Early Christianity* (Atlanta: SBL, 2005).

¹² Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 7–11.

¹³ Aaron Kuecker, *The Spirit and the “Other”: Social Identity, Ethnicity and Intergroup Reconciliation in Luke-Acts*, *Library of New Testament Studies* 444 (London: T & T Clark, 2011), 135.

¹⁴ Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 11.

mentes voltadas para Deus, devem experimentar um sentimento cada vez maior de união que reduz a alienação. Khobnya se concentra na união em Cristo e não necessariamente na união humana em geral. McFarland também explica que a união da Trindade é replicada naqueles “que entregam fielmente seus corações, almas e energia ao Pai e amam seu próximo como foram amados”.¹⁵ A questão, porém, é se a união vivida entre os que estão em Cristo pode se estender – ao menos em parte – aos que ainda não estão em Cristo e que também experimentam a alienação como parte de sua condição humana. Caso contrário, a união exclusiva daqueles em Cristo não cria o “mundo religioso paralelo” contra o qual McFarlane adverte?¹⁶

Khobnya reconhece que a obediência, devoção e comunhão genuína daqueles que estão em Cristo “tem tremendas consequências para a comunidade como um todo”.¹⁷ Mas nem ela nem McFarlane admitem que aqueles que não estão em Cristo podem experimentar união com aqueles que estão em Cristo. Deve-se crer plenamente antes de pertencer? Deve-se crer plenamente antes que o problema da alienação possa ser resolvido? Pode-se começar a experimentar o amor transformador na presença de uma comunidade crente antes de experimentar o amor perfeito? Essas questões preocupam os contextos pós-modernos e pós-cristãos, onde as pessoas tendem a desconfiar de instituições como a Igreja. Elas desejam ver as crenças expressas na prática, no amor e na transformação, e não na teoria. Pertencer antes de crer permite-lhes experimentar a encarnação do Evangelho anunciado.¹⁸ Porque o seu conhecimento da fé cristã é muitas vezes limitado, a conversão torna-se um processo e antecipam-se jornadas mais longas para a fé.¹⁹ Sobre isso, Murray afirma que “para aqueles que caminham em direção à fé, algum tipo de pertencimento pode ser crucial”.²⁰

Embora Khobnya não questione explicitamente pertencer antes de crer, ela nos convida a modificar as “táticas da presença cristã” e a reconhecer a obra do Espírito que está além de nossa imaginação e experiência pessoal.²¹ O estudo de Kuecker enfatiza que a união em Cristo é uma proclamação do Evangelho. Ele diz que “a vida intracomunitária adequadamente reconciliada (disponível apenas pelo trabalho transformacional de formação de identidade do Espírito) é em si uma expressão de testemunho”.²²

Khobnya reconhece que “incluir outras pessoas além do círculo próximo e desejável sob a orientação do Espírito prevalece em Atos”.²³ A experiência de Pedro com Cornélio (Atos 10-11) e suas reflexões teológicas subsequentes (Atos 15) enfatizam o poder do Espírito no seguidor de Cristo para expressar amor e pertencimento aos alienados e ainda não convertidos. Isso

¹⁵ McFarlane, “Theology of Togetherness,” 328.

¹⁶ McFarlane, “Theology of Togetherness,” 333.

¹⁷ Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 7.

¹⁸ Williams Stuart Murray, *Church after Christendom* (Crownhill, UNITED KINGDOM: Authentic Media, 2006), <http://ebookcentral.proquest.com/lib/dtl/detail.action?docID=4573092>, chapter 1.

¹⁹ Mario Weyers and Willem Saayman, “‘Belonging before Believing’: Some Missiological Implications of Membership and Belonging in a Christian Community,” *Verbum Eccles.* 34.1 (2013): 8 pages, <https://doi.org/10.4102/ve.v34i1.834>.

²⁰ Murray, *Church after Christendom*.

²¹ Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 12.

²² Kuecker, *The Spirit and the “Other,”* 134.

²³ Khobnya, “In the Power of the Spirit,” 9.

expande os limites da união além daqueles que pertencem ao modelo de “conjunto limitado” (ou seja, “salvo”, “convertido”, “em Cristo”).²⁴ O Espírito compele Pedro a se unir a Cornélio e o proíbe de usar rótulos de exclusão ou fazer uma “distinção entre eles e nós” (Atos 15:9). Eles desfrutaram da comunhão à mesa antes da conversão dos “outros”. O Espírito realiza o que Murray chama de “dupla conversão” na qual tanto os “outros” quanto a igreja são transformados.²⁵

Paulo encoraja aqueles que receberam o Espírito a praticar a comunhão à mesa com os incrédulos (1 Co 10:27) e a fazer “o bem a todos” (Gl 6:10a). O exemplo, tanto para Pedro quanto para Paulo, foi o Jesus cheio do Espírito que aparentemente passava bastante tempo jantando com cobradores de impostos e pecadores, e que foi rotulado de “glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores” (Lc 7:34; Mt 11:19). A responsabilidade de criar união está com aqueles que estão em Cristo. Sua “nova disposição espiritual” e “identidade alocêntrica” tornam possível a união. Transformar e encher aqueles que creem é apenas uma das tarefas do Espírito. Ele também trabalha, atrai e transforma aqueles que ainda não creem plenamente. Ele conecta aqueles que estão em Cristo com os que não estão. Estar na esfera do Espírito faz com que aqueles que estão em Cristo evitem usar rótulos negativos de não pertencimento (“ímpio”, “não salvo”, “perdido” etc.) com os outros. O Espírito conecta crentes e não crentes em situações nas quais os últimos podem caminhar com os primeiros para a fé em um contexto de união. Daniel Duffis discute a importância de tal união no evangelismo de jovens. Ele diz: “essa abordagem imagina jovens crentes e incrédulos caminhando lado a lado enquanto exploram a fé dentro de uma comunidade que permite a dúvida, está aberta a questionar suas próprias crenças doutrinárias e julga menos aqueles que estão em um ponto diferente no caminho.”²⁶

As igrejas na tradição wesleyana devem sintonizar-se com a obra do Espírito entre os que estão em Cristo e os que ainda estão no caminho. O Espírito permite que aqueles em Cristo expressem amor e cultivem união tanto com outros crentes quanto com aqueles que ainda não creram. “A distinção entre a orientação interna e externa do grupo é desnecessária. A identidade alocêntrica formada pelo espírito move a pessoa de um egocentrismo para um foco no 'outro', tanto dentro quanto fora do próprio grupo.²⁷ A capacidade habilitada pelo Espírito para cultivar a união, demonstrada pela Igreja primitiva, é “uma subversão dos processos normais de identidade intergrupar e é nada menos que uma maneira diferente de ser humano em comunidade”.²⁸

²⁴ Daniel M Duffis, “Creating Communities of Belonging for Authentic Youth Evangelism,” in *Mobilizing Our Youth for Evangelism* (digitalcommons.andrews.edu, 2019), 57–63, <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1083&context=cye-pubs>; Murray, *Church after Christendom*; Weyers and Saayman, “Belonging before Believing.”

²⁵ Murray, *Church after Christendom*.

<http://ebookcentral.proquest.com/lib/dtl/detail.action?docID=4573092>, chapter 1.

²⁶ Duffis, “Creating Communities of Belonging,” 61.

²⁷ Kuecker, *The Spirit and the “Other,”* 135.

²⁸ Kuecker, *The Spirit and the “Other,”* 134.